

AVIDA FLUMINENSE



ESCRITÓRIO
RUA DO OLVIDOR

32 - sobre de - 52

CORTE

Trimestre
Semestre
Anno

58000
105000
205000

PROVINCIAS

Semestre
Anno
Avulso

115000
215000
315000

1868



O engenheiro, architecto, J. B. Ballaryni,
Socio da Firma Ballaryni e Bisio e um dos authors do
projecto para a nova portada do Commercio do Rio de Janeiro.

A VIDA FLUMINENSE

Aos nossos assignantes

Encetamos no presente numero a galeria dos **MEDALHÕES**, trabalho devido ao mais distincto caricaturista do Rio de Janeiro, e lithographado pelo habil desenhista o Sr. Valle.

No proximo numero começaremos a publicar o « **ALBUM DA VIDA FLUMINENSE** » ou uma serie de desenhos, em ponto grande, allusivos na quasi sua totalidade ás cousas do Brasil.

O frontispicio d'esse Album occup-a a pagina central da nossa folha de hoje. Chamamos a attenção dos Srs. Assignantes para esse trabalho.

Rio, 2 de Setembro de 1871.

Assumpo de varias côres

A sociedade de gymnastica franceza — O Club Mozart e o sario de 31 do passado — Problema resolvido pelos irmãos Carlo — Ainda os cavallos do professor Chiarini — O beneficio do barytono Celestino — Celestino J.^o, seguindo as pizadas do Gottechalk — Barbe-Bleu e o modo porque Mestre Arnaud deseja dar a esta reprise o chir das representações de outr'ora — *(Pierro Fiançat)* — O e *Buenano* o romance do Dr. Gomes de Souza — Promessa de uma chronica musical.

A sociedade de Gymnastica franceza, para festejar o seu anniversario e á imitação do que costuma praticar todos os annos, deu sabbado passado uma *soirée* a que assistio numerosos concursos de socios e convidados.

Era esplendido o aspecto da sala, repleta de damas e cavalheiros, e digno de vêr-se o trabalho de gymnastica e esgrima executado por alguns socios amadores com o esmero que nem sempre caracterisa o dos que, por profissão, se dedicam a tão difficil e arriscada arte. Por tal sorte era esta circumstancia reconhecida pelos espectadores, que por mais de uma vez foram os intrépidos amadores cobertos de applausos, não d'esses, que a polidez ensina ou á sympathia aconselha, mas applausos sahidos d'alma com a expontaneidade que não sabe disfarçar-se.

Apóz a gymnastica seguiu o baile, animado do principio a fim como costumam sê-lo todos os que a colonia franceza dá entre nós.

Outra festa de não menor valia, embora do genero differente, foi a que, a 31 do passado, deu o Club Mozart no seu vasto salão da rua do Conde.

No programma, combinado com certo gosto e bastante intelligencia, avultavam pegos de concerto de merito incontestavel e cuja execução foi geralmente louvada, e, por vezes, applaudida com fervor.

Além disso inaugurava-se tambem a aquella noute o retrato do Vice-Presidente, o Sr. Freitas, um dos homens que mais a patria tem tomado a prosperidade do Club, e a reunião de ambas essas circumstancias contribuiu muito para que a affluencia fosse, como foi, enorme.

A satisfação que pairava no resto de todos, os encontros de que foi alvo o Sr. Rocha Frago, a cujo pincel se deveo o retrato inaugurado, o as vivas demonstrações dadas pelo auditorio em favor dos artistas e amadores que haviam chamado a si a responsabilidade da parte musical, provam a acceitação que mereceu a festa de quinta-feira e mostram o modo porque a actual directoria procura desempenhar, á satisfação de todos, a missão de que se acha encarregada.

Tocar rabeca, não é já de si cousa facil: mas tocar rabeca pulando ao mesmo tempo e executando com rara pericia os mais difficeis equilibrios gymnasticos, é problema de cuja solução só, até hoje, se encarregaram os irmãos Carlo.

Imagine-se um concerto de tres violinos tocados por tres palhaços engraçadissimos; ao canto, executado por uma das rabecas e acompanhado pelas outras duas, adicione-se um sem numero de saltos, cabriolas, posições arriscadas, e grupos grotescos feitos com a maior velocidade e sem que os tres violinos se caíem um instante: — e se a imaginação se recusar a comprehender como isto é feito recorra-se a um expediente facil e de pouca despesa. Saia-se de casa, alli pela volta das 7 horas da noute, na firme tenção de ir á rua do Espirito Santo. Alli chegado, compre-se um bilhete d'ingresso ao circo Chiarini, e ao sair de lá, no fim da função, além de se ter admirado a maestria dos cavallos do Sr. Chiarini, ter-se-ha comprehendido como se dão cambalhotas e se toca rabeca ao mesmo tempo.

Apóz longa enfermidade, que durante algum tempo o retirou da scena, deu-nos o barytono portuguez A. M. Celestino uma representação em seu beneficio, no theatro do Campo de Sant'Anna.

O nosso publico, que não perde occasião de testemunhar ao artista, que soube deliciado outr'ora, o apreço em que tem as suas qualidades, acceitou com prazer o convite do beneficiado e correu a saudá-lo no ponto da sua despedida.

O theatro achava-se, pois, repleto de espectadores: e o espectáculo, embora alterado pela falta de algumas partes prometidas no programma, satisfaz quantos a elle assistiram.

Na parte musical distinguio-se notavelmente o pianista Celestino Junior não só pelo brio e destreza de sua digitação, como pelo colorido brilhante que deu aos dous trechos de GOTTSCALK, na *Tarantella*, especialmente, dir-se-hia que o joven pianista sorprendera ao author daquella musica saltitante os segredos de sua

execução prodigiosa, não só na parte relativa ao modo de vibrar as notas, como na velocidade com que percorria o teclado.

Outros artistas de justificada reputação tomaram também parte no concerto, sendo calorosamente festejados ao terminarem das peças de que se haviam encarregado.

Na parte comica do espectáculo, reduzida tão sómente á exhibição do triângulo — *Tchany-Tchany-Tchany*, — distinguio-se o ratão do Vasques, que transformou a peça de A. de Castro n'uma gargalhada continua.

O beneficiado, não restabelecido ainda da sua enfermidade, limitou-se a cantar a canção do aventureiro na ópera *Guarany* sendo muito applaudido tanto ao entrar em scena, como após a execução do trecho.

Prepara-nos a direcção do Alcazar uma nova edição do *Barbe-Bleu*, d'Offenbach, peça outr'ora cantada n'aquelle theatro com successo *hans figure*.

Para que a *reprise* actual não desista dos tempos passados, distribuiu-se a Irma-Marié o papel de *Boulotte*, restaurou-se cuidadosamente o scenario, e tem-se procedido a ensaios regulares para que na primeira noite tudo corra de sorde a fixar o exito da ópera.

Tem isto dado lugar a que o cartaz não apresente sensível novidade n'estes ultimos dias. Apesar disso a concurrencia não tem affrouxado, e sempre que M^{lle}. Arnal canta a *Filha do Regimento*, ou M^{me}. Irma-Marié electriza os seus admiradores na *Canção de Fortunio*, as palmas andam a esmo, e as flores cobrem como saraiva miuda.

Terça-feira é o beneficio do Signore Pietro Ferranti, no theatro da Guarda-Velha.

A julgar pela curiosidade, que o espectáculo inspira é de crer que a sala se encha a mais não poder n'aquelle noite.

Além do justificado merito do beneficiado, que na ópera annunciada representa o typo de um velho ratão dos seus setenta janeiros com a proficiencia de que só é capaz o verdadeiro artista, é poderoso incentivo á concurrencia publica a primeira representação do *B. Pasquale*, ópera onde a par de certa veia comica n'alguns dos trechos principais, ha outros cuja melodia encantadora, facilmente encontra echo em todos os corações.

Agradecemos ao Dr. Gomes de Souza o exemplar, que nos offereceu do seu romance *O Desengano*, trabalho geralmente elogiado pela imprensa diaria, e que mereceu ser lido pelas muitas bellezas que n'elle se contém. Os caracteres acham-se desenhados com vigor, o estylo é fluente e por vezes mimoso, e os quadros são essencialmente brasileiros, e grupados por mão de mestre.

Falta-me espaço para fallar do brillante exito obtido pelas *Vesperas Sicilianas*, no theatro D. Pedro II.

Como a ópera tem de sustentar-se por muito tempo

no cartaz, tentarei sabbado proximo uma chronica musical acerca do famigerado *spartito* de Verdi.

A. DE A.

As margaridas.

(Continuado do n. 191).

Lazarina sentia-se com força bastante para se dedicar exclusivamente ao homem que o seu coração escolhesse: mas a difficuldade era encontrar-o.

O homem intelligente, bem educado, disposto de fortuna, e de phisnomia sympathica, tal qual Lazarina o sonhara, nem sempre está á disposição de uma mulher de theatro quando se tracta de levá-la á igreja.

Estavam as cousas n'este ponto e a pobre moça esperava com a maior resignação pelo *passaro azul* da camparinha veio a casar-se.

Este casamento não era bom... nem mesmo. O marido, moço de aspecto agradável, ganhava dinheiro n'um commercio de exportação, possuia um d'esses phyzicos que agrãam geralmente. Vendo-o de braço dado com a sua companheira, Lazarina não ponde reter um suspiro prolongado.

Mas, ao cabo de algumas semanas, a lua de mel transformara-se em lua de fel e o casal longe de viver no céu precipitara-se pouco a pouco no inferno. O marido tornara-se ciumento, e no theatro, especialmente reproduzia com incrível naturalidade o caracter facanhudo de um Othello... de bastidor. A mulher chorava, pelos cantos, esquecia-se do papel, deixava de entrar a tempo, e entregava-se por vezes a uma exasperação difficil de descrever-se.

E que nem a actriz podia deixar os habitos contrahidos entre a Bohemia theatral, nem o marido tinha a philosophia necessaria para acceitar-os com o sorriso nos labios e sem raiva no coração.

Uma noite, para evitar uma explosão seria e trazer o desventurado casal ao caminho da paz, Lazarina deu alguns conselhos ao marido, e pregou um sermão em regra á mulher.

Longe de obter o fim a que se propunha: a nossa heroína só conseguiu augmentar a colera de que ambos se achavam possuídos.

E' singular! dizia Lazarina... *nada lhes falta para serem felizes... e entretanto...*

Nada lhes falta? respondia a noiva, que ouvira a observação. *Falta-lhes não serem o que realmente são: Se eu fosse merecida e meu marido fizesse chapéus, acreditava que tudo iria ao mil maravilhas.*

Mas, em lugar disso, o que vás tu? O *seu* casamento com a agua; ou antes, o theatro unido ao commercio perante os altares!

Não te falta aos olhos a incompatibilidade?...

Incompatibilidade bem triste?... disse Lazarina.

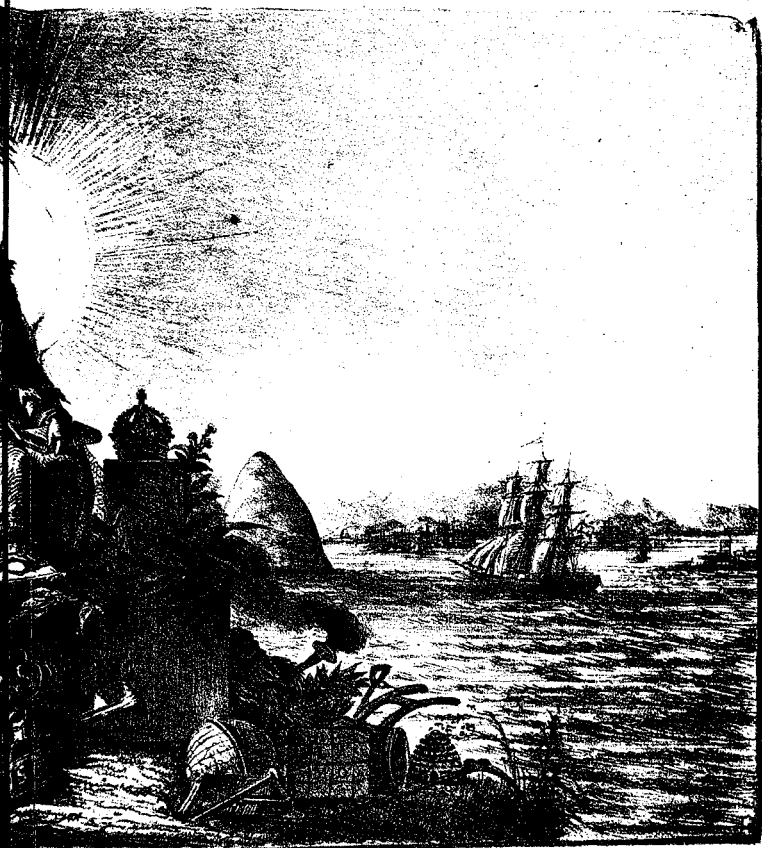
Triste porque? não ha por ali tanta gente que anda por cima dos espinhos, sem ver o sangue que lhe escorre dos pés?

Lazarina reconhecia nas suas meditações. A esperança começava a abandonar-a.



O FUTURO DA VIDA

FLUMINENSE



DA FLUMINENSE

Quando o período de suas idéas propensas ao casamento passou, voltou-se ella de novo para o batalhão de namorados, sempre numeroso quando se tracta de uma actriz moça e bonita.

Nessa noite representava ella n'uma comedia, que, em razão das muitas scenas mudas, lhe fornecia optimo ensejo para se occupar dos seus adoradores.

Diverzio-se pois a contal-os, analysando — *in petto* — as qualidades e defeitos respectivos a cada um.

Mas o numero quatorze onde estará? Ah! oeil-o. Sempre enluvado, escovado, frisado... que faz gosto vel-o....

Oh! se não fosse tão estúpido?!

Lá está tambem o meu numero dous!... bellos bigodes... mas isso não basta. E o numero dez? com o seu collar de... dentes poddes....

E Lazarina continuou a sua revista até o numero vinte.

Quando porem chegou ao vigesimo primeiro, a pobre rapariga não pôde cohibir um suspiro.

(Continúa.)

As vespéras sicilianas.

(Continuado do n. 191)

ACTO III

(Gabinete no palacio de Montfort).

Sentado perto de uma mesa lê este a carta, que outrora recebeu da mulher que seduzira e depois abandonára. Na carta, escripta poucas horas antes de morrer, pede-se ao pai que velo pelo filho já que nem amor nem cuidados lhe merecera a mãe. Mais lê a carta e mais profundo sente Montfort arrojar-se-lhe n'alma o amor paterno.

Sobreveio Bethune, o qual participa ao governador que, em cumprimento de suas ordens, Arrigo se acha na sala contigua. Montfort dá ordem para o trazerem á sua presença.

Ao entrar no gabinete o moço siciliano mostra o mesmo desprezo que sempre lhe inspirára o governador.

Recabe-o este com bondade e mostra-lhe a carta, que ha pouco estava lendo. Ao saber que Guy de Montfort é seu pai, Arrigo mostra-se desolado.

Debalde o governador procura dispartar-lhe no coração o amor filial, abraçando-o com a effusão propria do pai. O activo siciliano, em resposta a taes sentimentos, destaca-se de seus braços e foge sem que o governador tenha força de segui-lo.

Mulção

Na sala de baile do governador. Helena e João de Procida, de mascara no rosto, passavam por entre os convidados, ao passo que as bailarinas, representando as quatro estações, executam um passo allegorico.

Após a dança, entra Arrigo a quem Helena e Procida communicam que, provenientes os patriotas sicilianos, em breve entrarão naquella sala dispostos a

apunhalar Montfort e todos os oppressores da Sicilia, que ali se acharem. Arrigo fica horrorisado e, embora não sinta pelo pai a affeição extrema de quasi todos os filhos, procura os meios de salvá-lhe a morte certa. Para isso dirige-se a Montfort, que ha pouco entrára na sala rodeado de varios cavalheiros e damas, e pede-lhe que fuja.

O governador diz-lhe que não tem os seus inimigos. Mostra-lhe então Arrigo os conspiradores que entram por todos os lados. Montfort vai a fazer-lhes frente mas Helena, de puhl na mão, dirige-se para elle o de certo o mataria, se Arrigo não viesse metter-se do permicio entre o pai e Helena.

Montfort, protegido por todos os seus, manda prender Helena. Procida e os conspiradores alli presentes.

A duquesa e Procida, ignorando que Arrigo é filho do governador, lançam-lhe em rosto a sua traição, e, na companhia dos outros conspiradores sahem pelo fundo no meio dos soldados de Montfort.

ACTO IV

(No pátio de uma fortaleza. A' esquerda, porta que leva ás prisões. Ao fundo, muralhas guardadas á vista por algumas sentinellas).

Arrigo vem ali para justificar-se aos olhos de Helena, e de João de Procida da accusação, que estes lhe haviam feito em casa do governador. Helena, ao principio, não quer ouvi-lo, mas ao saber que Montfort é pai do homem que ella tanto amava, mostra-se comovida e tudo perdida.

João de Procida, que sobrevem então, aproveitando o momento em que Arrigo vai ao fundo mostrar ás sentinellas a permissoa que tem de fallar livremente aos prisioneiros, chega-se a Helena e entrega-lhe uma carta, onde se noticia a chegada de um navio carregado de ouro e armas, que Pedro de Aragão envia aos sicilianos. Procida sente ver-se prisioneiro no momento em que tudo se mostra propicio á libertação da Sicilia.

Chegam Montfort e Bethune que vem assistir ao supplicio dos condemnados. Helena e Procida estão promptos a morrer: mas Arrigo implora a seu pai o perdão de ambos, embora Procida se opponha a tal sob pretexto de que nada lhe é licito aceitar de um traidor. Helena communico ao velho patriota que o homem, que lhe detivera o braço no momento da vingança, é filho do governador.

Montfort resiste primeiro ás supplicas de Arrigo, mas cede por fim sob a condição de que este lhe chamará pai, uma vez no meos. Arrigo hesita.

Ouve-se ao longe a ultima prece dos condemnados, e ao mesmo tempo abre-se a porta da esquerda que dá para uma sala, em cujo centro se vê o carrasco, cernido por alguns penitentes e pelos soldados a quem a sua guarda se achia confiado.

Perante tal quadro, Arrigo cee aos pés de Montfort pronunciando o doce nome de pai, e implorando do novo o perdão de Helena e Procida. O governador manda immediatamente suspender a execução e declara a todos que, para sellar o contrato de paz entre a Fran-

ra e a Sicília, Helena em breve casará com seu filho Arrigo.

Todos exultam, menos João de Procida, cujo odio contra os francezes toina a cada passo maiores proporções, e que escolhe o toque das vespas, hora aprasada para o casamento de Helena, para dar o golpe destinado a libertar a patria.

† ACTO V

Jardim no palacio de Montfort, em Palermo. Escadaria ao fundo que dá entrada para uma capella.

Varas moças sicilianas esperam alli a chegada de Helena, que, vestida de noiva, bem depressa vem receber os ramalhetes que lhe offercem, o agradecer as provas de sympathia que lhe são dadas.

Sobreveem Procida, e, a sós com Helena, communicallhe que todos se acham promptos para a vingança e que, apenas soar a hora das Vespas, começará em Palermo horrivel carnificina.

Helena treme ao ouvir tal, e hesita. Vendo a sua hesitação, Procida lança-lhe em rosto a sua proxima união com o filho do maior oppressor da Sicília, e diz-lhe que, para completar a traição, deve denunciar ao governador tudo quanto se acha tramado para libertar a patria. Helena luta cruelmente entre o amor e o dever, sem saber por qual delles decidirse.

Sobreveem Arrigo radiante de esperanças e felicidade. Dá pela inquietação de Helena e interroga-a. Esta, vencida pelas considerações de Procida, diz ao amante que não pôde mais ser sua esposa, por isso que as cinzas de seu irmão jámais lhe perdoariam uma alliança com os oppresores da Sicília. Arrigo entrega-se á maior desolação ao ouvir semelhantes palavras.

Montfort, seguido por muitos cavalheiros e damas francezas, sahe do palacio. Tudo lho conta Arrigo. Montfort procura demover a dureza de um proposito que tanto se oppõe á felicidade do filho; mas ella, entregue á mais profunda dôr, mostra-se inabalavel. Ouve-se então o toque das Vespas. Helena pede a Montfort e a Arrigo que fujam. E' tarde.

Os soldados, armados de espadas e punhaes, precipitam-se sobre os francezes, ao passo que João de Procida exulta ao ver a patria livre finalmente do jugo estrangeiro.

A DE A

Versos... do pé coxo

(Sirva do advertencia)

Ao sahir do circo—Chiariini—naoute da inauguração, e a caminho de minha casa, que fica mais para o norte do que para o sul, encontrei um rua um papellinho amiserado, rendado e assassinado, cujo conteúdo do dobalde procurei lêr á luz do lampeão que alumina o canto do lado occidental do nosso Rocío.

Chegando a casa, porem, mudaram as cousas de face, e, auxiliado pelo clarão produzido pelo pavio da

minha vela.... de stearina, cheguei a decifrar a roquia!!! que abaixo transcrevo, cujo original fica archivado no muséo.... das hostillogias.

Eccce portentus poetices!

Felizmente foi uma ella quem escreveu.... porque se fosse um elle!...

Aujo das neos Sonhos

cu ja está sientio no sio nome, queres saber o méo como vaju nestes verços

quem diz que não há ciuime
onde existe a mor ardente
ou não sabe o que amor seja
ou não dizendo u que sente

amar tras sempre comsigo
ciuime devorador
e este tanto mais consume
quanto mais forte é o amor

um aujo da terra no peito me fez
por elle sentir a mais viva paixão
amar lhe jurando rojei-me a seos pês
e o estado pintei-lhe do meu coração

volte

Destá Sua Amante.

A mesma.

L, C, da S,

THEATRO D. PEDRO II

TERÇA FEIRA 5 DE SETEMBRO DE 1871.

Grande espectáculo, inteiramente novo, em benefício do celebre baixo—comico

PIETRO FERRANTI.

Representar-se-ha pela primeira vez a opera em 3 actos de Donizetti

D. PASQUALE.

Distribuição.

D. Pasquale—velho ecclatario, economico, erudito e toimosa
O Dr. Malatesta (medico)
Ernesto—sobrinho de D. Pasquale
Norina,—viuva moça e affectuosa
Um tabelião

Sig.^{ra} Ferranti.

Attezzoni.

Ballerini.

Sig.^{ra} Past.

Sig.^{ra} Marina.

Credos, o mordomo, a modista e o cabelloireiro.

A acção passa-se... no Rio de Janeiro, se assim for do agrado do espectador.

A's 8 horas.

Typ. de CARLOS F. MUELLER, rua da Ajuda n. 16.



Não é padre, não é nada;
Sondista de ferro,
Jura comar com mais gente
Quer levar a coronilha.
[Coles da Am. n. 21]